



Presidente exibe autocontrole no JN e diz que respeitará o resultado das eleições, se forem limpas e transparentes. Sustenta, ainda, ter agido corretamente na pandemia, mas não responde sobre zombaria a doentes de covid-19

Bolsonaro moderado na versão para a tevê

» INGRID SOARES
» TAÍSA MEDEIROS

O presidente Jair Bolsonaro procurou mostrar ações positivas do seu governo, driblou assuntos espinhosos, como pandemia e meio ambiente, e negou declarações anteriores, durante a entrevista ao *Jornal Nacional*, ontem. Na sabatina, com duração de 40 minutos, o chefe do Executivo também se desentendeu em alguns momentos com os apresentadores, mas, no geral, manteve-se calmo, para surpresa de quem esperava um candidato agressivo e despreparado.

Na entrevista conduzida por William Bonner e Renata Vasconcellos, Bolsonaro voltou a levantar suspeitas infundadas de fraude nas urnas eletrônicas. Disse que as críticas que faz ao processo de votação têm como objetivo “evitar que dúvidas pairassem nas eleições deste ano, nada mais além disso”.

O chefe do Executivo foi perguntado se respeitará o resultado do pleito de outubro. Respondeu que sim, “desde que as eleições sejam limpas e transparentes”. Bonner fez nova intervenção, destacando que as eleições “são limpas, transparentes” e que as urnas, auditáveis. O jornalista perguntou se o presidente gostaria de aproveitar a ocasião em rede nacional para “assumir compromisso eloquente de que respeitará o resultado das urnas, seja qual for”. Bolsonaro emendou dizendo que haverá eleições “limpas e transparentes”, mas que “precisou provocar para que se chegasse a esse ponto”.

Ao ser questionado sobre qual foi seu objetivo com os xingamentos a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), o presidente acusou Bonner de propagar notícia falsa. “Primeiro, você não está falando a verdade quando fala ‘xingar ministros’, não existe. É uma fake news da sua parte”, disse. O apresentador lembrou que o presidente chamou um ministro do Supremo de “canalha”. “Quem vem sendo perseguido o tempo todo por um ministro do Supremo sou eu”, rebateu o chefe do Executivo. “Hoje em dia, pelo que tudo indica, está pacificado, espero que seja uma página virada. Até você deve ter visto, por ocasião da posse de (Alexandre) Moraes (presidente do Tribunal Superior Eleitoral), um contato amistoso lá. E quem vai decidir essa questão de transparência ou não, serão, em parte, as Forças Armadas, que foram convidadas a participar da comissão das eleições”, acrescentou.

Reprodução/Rede Globo



O presidente Jair Bolsonaro levou uma cola na palma da mão esquerda: entrevista durou 40 minutos

Questionado sobre a mudança de postura em relação ao Centrão, de crítico ferrenho a aliado nacional para “assumir compromisso eloquente de que respeitará o resultado das urnas, seja qual for”, Bolsonaro disparou contra Bonner. “Está me estimulando a ser ditador, porque o Centrão são mais de 300 parlamentares. Se eu deixar eles (sic) de lado, eu vou governar com o quê?”, rebateu.

Nos temas que demandam mais esclarecimentos ao espectador, Bolsonaro partiu para o dribble. Ao tratar da questão ambiental, voltou a criticar o Ibmama por queimar máquinas usadas no desmatamento e rechaçou as críticas à política ambiental de governo.

Sobre a condução da pandemia, sustentou “não ter errado”. Negou que tenha atrasado a compra de vacinas, minimizou a omissão do governo na crise de fornecimento de oxigênio aos hospitais do Amazonas e voltou a criticar o lockdown, alegando que a medida “atrapalhou a economia e contaminou mais gente em casa”. Também defendeu o tratamento precoce da covid-19, com cloroquina, e justificou ter usado “figura de linguagem” quando disse que quem tomasse vacina poderia virar “jacaré”.

Na área da educação, ao responder sobre as sucessivas trocas de comando na pasta e suspeitas de corrupção, disse que as pessoas “se revelam quando chegam” ao cargo. “Acontece, é igual um casamento. O ideal era não

Marcos Serra Lima / g1



Houve momentos de embates entre o presidente e os apresentadores

ter rotatividade nenhuma, mas acontece”, disse. “Ele teve uma acusação, foi preso, mas conseguiu habeas corpus logo em seguida. Não tinha nada contra ele até aquele momento”, afirmou sobre Milton Ribeiro, ex-ministro da pasta.

O presidente enfatizou que os números da economia “são fantásticos” e pretende continuar com a política iniciada em 2019, com reformas, como a da Previdência, e a lei da liberdade econômica.

Nas considerações finais, destacou feitos do governo como a queda no preço dos combustíveis, o aumento do Auxílio Brasil para R\$ 600, a continuidade da transposição do Rio São

Francisco e o PIX.

Após a entrevista, ele fez live nas redes sociais na saída do Projac. Pediu à população que não deixe o Brasil voltar às mãos da esquerda e convocou para o 7 de Setembro.

Avaliações

Cientistas políticos consultados pelo *Correio* analisam que Bolsonaro conseguiu manter argumentos e narrativas usados regularmente em suas manifestações cotidianas.

Leandro Consentino destacou o momento inicial da entrevista, em que foram abordados os ataques às urnas eletrônicas e ao Supremo Tribunal Federal (STF).

“Ali, o presidente manteve a narrativa dele, de que há um problema e de que é necessário aperfeiçoamento das urnas. Mas os entrevistadores arrancaram um pouco a contragosto um compromisso dele de aceitar o resultado da eleição. Isso foi importante”, frisou.

Para Graziella Testa, professora da Escola de Políticas Públicas e Governo da FGV, dois pontos se destacaram: a menção à reforma da Previdência e o argumento em relação ao Centrão. “Chama a atenção que Bolsonaro diga que a reforma da Previdência foi a grande reforma que levou ao que ele considera sucesso econômico. Bolsonaro teve quase nenhuma participação nesse processo. O protagonismo foi do próprio Congresso. Além disso, o presidente disse que “na época dele” o Centrão não existia. O Centrão nasceu na Constituinte”, pontuou.

Professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), Marcus Ianoni avaliou que Bolsonaro se saiu bem dentro da estratégia que adotou. “Por dois motivos: ter ficado calmo, sem agredir os jornalistas e, em segundo lugar, ter feito as mesmas distorções de sempre de modo aparentemente convincente para o público mais desinformado e que absorve superficialmente conteúdos importantes”, ressaltou.

Memória

Como foi em 2018

Em 2018, quando ainda era candidato ao Planalto pelo PSL, Jair Bolsonaro foi entrevistado no *Jornal Nacional* por 27 minutos. Na ocasião, abordou assuntos polêmicos como o “kit-gay”, supostamente inventado pelo ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT), na época seu principal adversário na disputa. O salário da apresentadora do telejornal, Renata Vasconcellos, também foi um dos tópicos abordados. Quando esse assunto surgiu, a jornalista e o então candidato esboçaram uma discussão rápida em relação ao salário dela e de William Bonner, que é chefe da apresentadora. Ao ser perguntado sobre o que faria para reduzir a desigualdade salarial entre homens e mulheres, Bolsonaro questionou o valor do rendimentos de Renata. Ele afirmou que o salário de Bonner era maior do que o da jornalista, apesar de serem co-apresentadores do telejornal.

“Estou vindo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas, com toda certeza, há uma diferença salarial aqui, parece que é muito maior para ele do que para a senhora. São cargos semelhantes”, sustentou. Nesse momento, Renata interrompeu o candidato: “Meu salário não diz respeito a ninguém. Posso garantir ao senhor que, como mulher, não aceitaria receber salário menor que um homem”. Outro tópico da sabatina foi em relação à notícia falsa do “kit-gay”. Bolsonaro divulgou que Haddad teria inventado um “kit-gay”, que seria distribuído nas escolas para as crianças. O postulante do PSL mostrou um livro, que faria parte do kit-gay, e precisou ser interrompido por Bonner, porque o ato era proibido pelas regras do programa.

Presidenciáveis criticam e aliados comemoram

» RAFAELA GONÇALVES

Presidenciáveis e integrantes da oposição acusaram o presidente Jair Bolsonaro de ter mentido na entrevista ao *Jornal Nacional*. Já aliados do chefe do Executivo enalteceram a participação dele.

O candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes, escreveu

nas redes sociais que “é constrangedor ver um presidente da República mentir com tamanha desfaçatez”.

Felipe D’Ávila, do Novo, reprovou o fato de Bolsonaro ter minimizado a união com o Centrão. “Aliança com o Centrão nunca foi por governabilidade. O desespero e o apego ao cargo o fizeram entregar as chaves do cofre.

O resultado está aí: orçamento secreto, escândalos de corrupção e aliança com condenados no mensalão.

O senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), integrante da campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), chamou Bolsonaro de “pai da mentira”. “O governo era contra o auxílio emergencial de R\$ 600, eles

queriam pagar R\$ 200 e o valor de R\$ 600 foi uma conquista da oposição”, postou.

Aliados de Bolsonaro, por sua vez, comemoraram o desempenho. “O presidente simplesmente arrasou no JN. Mesmo diante de mentiras, caretas, manipulações e atuações dignas do troféu Framboesa, nosso presidente levou a verdade

que eles negaram ao povo por quatro anos”, postou a deputada Carla Zambelli (PL-SP).

“O que deveria ser uma entrevista imparcial e honesta se transformou em ataques e mentiras de dois arrogantes desonestos. Felizmente, o presidente tem couro duro e soube enfrentar os jornalistas”, disse o deputado federal Carlos Jordy (PL-RJ).

A ex-ministra Damare Alves escreveu que “a Globo acaba de mostrar para todo o Brasil o grande líder que temos”. “Um estadista que defende a democracia, a autonomia médica, o livre comércio e a liberdade de expressão”, ressaltou.

Em várias cidades pelo Brasil houve pанаleços no momento da sabatina.